

*A Sinhorita
Marian, com amor
e delicadeza
de Baco*

O Clarim da Alvorada

NÃO PRINCIPIAMOS, CONTINUAMOS
JOSE DO PATROCÍNIO

ANO I (da 3.ª Fase)

SÃO PAULO, 25 DE SETEMBRO DE 1940

N. 1 (da 3.ª Fase)

28 de Setembro

Dia da Mãe Negra

LIGADA AO SENTIMENTO DOS VELHOS SOLARES DA PATRIA BRASILEIRA ESTÁ A LENDARIA FIGURA DA MULHER NEGRA, AQUELA QUE FOI DUPLAMENTE SACRIFICADA NA FORMAÇÃO DA NACIONALIDADE. MAIS UM ANIVERSARIO DA LEI DO VENTRE LIVRE, O BRASIL VÊ PASSAR NO SEU CALENDARIO HISTORICO, NA DATA DE HOJE.

**Não
principiamos,
continuamos...**

JOSE CORREA LEITE

Depois de um longo silencio, o porta-voz que marcou uma época nas indagações, historicas, nas afirmações dos direitos e em todos os anseios de conquistas dos homens negros, surge hoje, uma edição do "Clarim da Alvorada". Isto prova que das cinzas de velhos ideais, ainda brilham as pequenas braças da esperança. E prova para substancial a obra de fé, no civismo do negro, a sua indole de bem servir a massa, na integração nacional. Hoje temos a realidade de um dever cumprido aos pósteros. Que melhor finalidade poderia ter um jornal? Despertar o ardor cívico, envolver-se nas campanhas de elevação social-econômica, moral e cultural da raça, foram as diretrizes do "Clarim da Alvorada".

Em meio de tanta incompreensão e controversia, em lutas memoráveis de explanações que se projetavam nestas colunas, o negro tinha o seu alvacear. Organizava o rotina doutrinaria. Aproveitava os valores da geração que se observava nos mais nobres tarefas. Esta foi o obra dos varios periodos por que este jornal passou. Desceitos anos.

E pela sua existência tantos nomes o "Clarim da Alvorada" viu passar Evaristo de Moraes, Leopoldo de Freitas, Bezerra de Menezes, Conego Olimpio de Castro, Arthur Maia, Vicente Ferreira e tantos outros.

Era nos grandes datas que o "Clarim da Alvorada" imprimia o seu verdadeiro sentido. Assim foi na sua edição de 28 de Setembro de 1923, quando aventou, num expressivo apelo à imprensa e aos poderes da nação de se cultivar nesta data o DIA DA MÃE NEGRA.

O prestígio do modesto orgam da mocidade negra, teve

ANO I N. 1 SÃO PAULO, 25 DE SETEMBRO DE 1940

O CLARIM D'ALVORADA

SEXTIHO ORGÃO DA SOCIEDADE ALVORADA DO SÃO PAULO

PRIMEIRO VICARIO: JOSE CORREA LEITE VICARIO: JOSE G. LEITE VICARIO: FELIX NUNES DE S. MORAES VICARIO: JOSE G. LEITE VICARIO: JOSE G. LEITE VICARIO: JOSE G. LEITE

O DIA DA MÃE PRETA

Apello à culta Imprensa Brasileira — Uma justa aspiração que "O Clarim da Alvorada" pretende tornar em realidade.

Este é o melhor dia que se possa escolher para se dedicar ao culto da Mãe Negra, a mulher que foi duplamente sacrificada na formação da nacionalidade. É a Mãe Negra que, com seu sacrifício, deu origem ao Brasil. É a Mãe Negra que, com seu sacrifício, deu origem ao Brasil. É a Mãe Negra que, com seu sacrifício, deu origem ao Brasil.



A mulher negra é a mãe da pátria. Ela é a mãe que deu origem ao Brasil. Ela é a mãe que deu origem ao Brasil. Ela é a mãe que deu origem ao Brasil.

A mulher negra é a mãe da pátria. Ela é a mãe que deu origem ao Brasil. Ela é a mãe que deu origem ao Brasil. Ela é a mãe que deu origem ao Brasil.

Fac-simile da edição do CLARIM DA ALVORADA de 28 de setembro de 1928, quando foi aventada a idéia de ser instituído, nesta data, o "Dia da Mãe Negra". Aquela idéia, apesar de encontrar acolhida em espíritos fortes e arrojados como de Gilberto Amado, Coelho Neto, Evaristo de Moraes, Candido de Campos e outros, não pôde ir avante, fato que não sucederá no atual regime, que reconhece ser o negro o "trabalhador numero 1 do Brasil", como afirmou em discursos importantes, o Exmo. Sr. Dr. Ademar de Barros, Interventor Federal

accolhida e recebeu valiosa contribuição do a imprensa nacional, que se manifestou unânime pela idéia vitoriosa.

E, nessa ansia de mais influir, descobrindo no amago de um problema, todo o interesse da família negra no Brasil, eis que o "Clarim da Alvorada" lança a idéia da realização do 1.º Congresso da Raça Negra.

E a confusão surgiu nos espíritos refratários. Os negros doutos de São Paulo, puderam ser aqilotalados em desconhecimentos dos princípios de solidariedade e pro-

Tende a ser relegada pela concepção errônea dos fenômenos complexos que atulham a nova ordem de pagamento, e data de 28 de setembro

Isto, mesmo entre os nascentes da raça negra. Há os que se emverganharam e rejeitam a sua própria existência. Porém os ideais que cristalizam objetivos altos do povo, encontram, sempre os que se insurgem dessa condição atávica, abraçando-lhe os princípios.

28 de setembro tem uma alta significação histórica para os negros "ad brasis". Evoca o Dia da nacionalidade uma das mais belas páginas da história da igualdade e justiça do direito social.

Esta publicação tem a sua finalidade de incremento cívico e um tributo de laivos aos feitos do passado. Presta-se uma pequena e tão desinteressado homenagem ao vulto de Silva Paranhos — Visconde do Rio Branco, autor da lei sobre de 28 de setembro de 1871, que impo a entrada da mulher escrava. No Brasil já não nasciam homens escravos. A instituição maldita do cativo recebia o seu primeiro golpe mortal. E o sentimento de elevado altruísmo sensibílissmo a alma da raça espanhola, e esse benéfico teve o maior título de glória em um homem pode receber a gratidão dos mais.

O culto à mulher negra surgiu no sentimento da nação brasileira, na reparação do seu calvário. Mas a reparação pela simples apologia sentimental pelo espírito de piedoso justico, traz no seu bojo, pela ausencia de uma significação politica, o indesejado que morre no silencio e no curso dos tempos.

O Brasil quase rejeitava a sua dívida de gratidão para com a raça negra, erigindo um monumento à Mãe Negra. A idéia foi vitoriosa, mas a falta de coragem não trouxe a realização. Compete a nós, os negros, festejar o Dia da Mãe Negra. Dar ao nosso testemunho de posteridade àquela que no seu duplo sacrificio, no sua generosa humildade, soube colaborar na formação da família brasileira e da nacionalidade.

prio destino de sua raça. E o Congresso não se realizou. Mas a idéia ficou no estímulu da coragem da pleiade de idealistas que hoje, retemperados por novas esperanças, voltam sob a égide de frase de José do Patrocínio — Não principiamos, continuamos...

CLARIM DA
ALVORADA

Fundado em 6 de Janeiro 1924

EXPEDIENTE

Diretor responsável
José de Assis Barbosa

Conselho de redação:

José Correia Leite
Fernando Góes
Manoel Antonio dos Santos

Redação:

RUA AUGUSTA, N.º 1301

Número avulso 200 réis

Clarinas

Senhores cavalheiros, tirar se-
nhoras damas para dançar...— É a vez quasi sempre fan-
hosa e dissonante do mestre de
sala que, do centro do salão, com
um ar sério, cheio de importancia,
dá indicações ás contra-danças.E os pares rodeiam, ao som
dos instrumentos metálicos, num
ritmo exacto de música moder-
na... e repentinamente páram,
ao ouvir novamente a voz do
mestre de sala: — "Firme no lar-
que se acha. Vae ter a pala-
vra o senhor dos Anzões Cara-
puça"...

E eu tomo a palavra.

"Irmãos de raça!"

Já é tempo de pensarmos so-
riamente na nossa situação. Na
hora presente, não podemos ficar
na eterna expectativa, olhos pá-
rados no cenário que se transmuda
celeremente, indecisos ao en-
tregues aos azares e caprichos da
nossa indolencia.A vida é ambição, é luta, é
ansio para um fim colimado.Bem sei que todos vós que vulteis
ou som de uma valsa languosa
cu de um samba irrequieto, teem
o corpo cansado pelo labor diario
e, para esquecer os tormentos da
vida atribulada, procurais, no
baile, ao som da música, o leni-
tivo balsâmico para esses mesmos
tormentos que, aguilhão do espiri-
to e entorpecem o físico.O baile, além de ser uma di-
versão agradabilissima, é uma al-
ta escola de sociabilidade. Infe-
lizmente, os nossos bailes não nos
tiroz as vantagens dessa socia-
bilidade. São deturpados. O baile
sempre existiu e para nós é in-
dispensável, pois o salão é o lugar
onde podemos nos reunir, sem quea malefencia nos apupe com
chistes irónicos, como a já cele-
bre "Adis Abeba" da rua Direita
e Praça do Patriarca, aos domín-
gos.E aqui o nosso apelo. Por que
não damos outro feição aos nos-
sos bailes? Por que não iniciamos
uma companhia para incluir nos
espiritos das nossas danças o
môr, o culto à elevação cultural
da nossa raça?Antigamente ás nossas socie-
dades dançantes tinham um corpo
cênico, tinham oradores officiaes,
faziam comemorações cívicas, fas-
tejando ás grandes datas da Pa-
tria e evocando os grandes vultos
da nacionalidade. E tinham no-
mes que significavam alguma cou-
sa.Hoje, tudo isso, das nossas so-
ciedades, desapareceu... até o
nome. Temos hoje sociedades com
nomes inexpressivos. Nada dizem.
Nada significam.Senhores directores de socie-
dades dançantes!Um pouco de boa vontade, um
pouco de amor à nossa causa.
Dez ou quinze minutos destinados
a uma preleçãozinha em cada
baile, não significa para quem
dança e, assim, em pouco tempo,
temos a certeza de formarmos
uma consciencia em torno ás nos-
sas necessidades; e o nosso traba-
lho será menos penoso.Senhores directores, vamos dar
outro apelo aos nossos bailes?Por hoje, tenho dito."
E o mestre de sala, já ansioso
e com a sua voz rouquenha: —
Senhores cavalheiros, segue o pas-
sado.

— Música, maestro!

DOS ANZÕES CARAPUÇA

ROSAS NEGRAS

A já tradicional Rosas Negras,
no proximo dia 12 de Outubro,
realizará, no salão da Lega
Lombarda, á Praça Almeida
Lima, o seu costumeiro baile
mensal.Só o título Rosas Negras é
um cariz, portanto, não é pre-
ciso acrescentar que será de
abafar.

NASCIMENTO

Foi feita o lar do ar, Cleo-
Freire, com o nascimento de
melis, uma robusta criança que
receberá o nome de Maria Neu-
sa.

BAPTIZADO

Registrámos o sr. Maria de
Lourdes, no dia 21 do corrente,
filha do sr. Lindolfo F. Car-
los e Dna. Helveia Santos.Serviram de padrinhos o Sr.
Luiz de Sousa e sua Exma. Sr.

ANIVERSARIOS

Em 18 do corrente, o sr.
José Lúcio dos Santos, o popu-
lar Zé Bernardo, destacando
reportista do Club Negro de
Cultura Social.A 30 do corrente, a menina
Julietta Ignes, filha de Antonio
Paheco.A 4 de outubro p. o sr. Fran-
cisco Lima.Em 9 do mesmo mês, a srta.
Nais Dias.

PROMOÇÃO

Está de parabens o nosso
companheiro de trabalho Sr.
Luiz de Sousa, pela sua promo-
ção ao posto de 2.º técnico do
Departamento de Fisiologia da
nossa Faculdade de Medicina.

FESTAS...

Procure o Jazz Rioclarense, o
conjunto mais querido na Cap-
ital e no interior do Estado.
Preços modicos.

Diretor:

JOAO DE SOUZA (Bom)

Rua Barão de Iguaçu, 262

O CLARIM DA ALVORADA

poderá ser ser encontrado
à Rua Amarel Gurgel, 11.

MANOEL

Barbeiro e Cabeleireiro
Rua Amari Gurgel, 41O CLARIM E AS SOCIEDADES
NEGRASO aparecimento deste jornal
foi um acontecimento ansiosa-
mente esperado por todos e uma
necessidade imprescindível em
nosso meio social.É o jornal do negro para o
negro.Assim sendo, desejamos que
todos cooperem e esperamos esta
cooperação sem exclusão de
ninguem.A direção deste jornal, tendo
em vista um plano que será de
nosso grande interesse, apela
aos senhores directores de so-
ciedades negras, para que nos
auxiliem.Esse auxilio somente moral,
sem sacrificio de ninguém, será
exposto numa reunião que bre-
vemente marcaremos, por inter-
medio de cartas.

Aguardem, pois.

A DIREÇÃO

UNIAO NACIONAL
DE HOMENS DE CORComemorando o aniversario
da Lei que marcou a primeira
etapa para a abolição da escr-
vatura negra no país, a
União Nacional dos Homens de
Cor, fará realizar, hoje, uma
festa, em gozoso pela data,
em sua sede social, a Rua Flo-
rencio de Abreu, 201, fazendo-
se ouvir, ás 21 horas, o Dr.
Guilherme de Almeida, da Ac-
ademia Brasileira de Letras, que
pronunciará uma conferencia
literaria, allusiva à data, subor-
dinada ao tema "A abolição e
a imprensa paulista".ESTEVE EM S. PAULO O PRO-
FESSOR FRANKLIN FRAZIER,
CHEFE DO DEPARTAMENTO
DE SOCIOLOGIA DA UNIVER-
SIDADE DE HOWARD.O destacado cientista negro,
professor Franklin Frazier es-
teve na semana passada em
nossa CapMal, onde fez estudos
sobre a raça negra. O ilustre
estudioso da raça negra reali-
zou uma conferencia sobre o
tema "A familia negra nos Es-
tados Unidos".S. S. que está em viagem a
vários países, seguiu para a
Baía e de lá visitará Recife, de
onde rumará para países da Am-
érica Central, onde buscará
elementos para seus estudos

E o vento levou...

PEDRO SOAVENTURA

Ao comemorarmos a passa-
gem de uma das datas que mais
de perto tocam o sentimento
do negro brasileiro, nada de
novo, infelizmente, podemos ap-
resentar no tocante ás reali-
zações no vasto campo de at-
ividade social, economica e cul-
tural, que se nos depára.Decorridos os anos da pronun-
ciação de uma lei que declarava
livres todos os fillos de escrava-
s nascidos daquela data em
diante, e 52 de outra que ou-
lgrava a liberdade aos escrava-
s em geral, os negros ainda
permanecem na mesma situação
na qual se encontravam na au-
toria da liberdade! Sem unidade
racial, incultos, em 75 % dos
casos sem familia legalmente
constituída, os negros vogam ao
sabor do acaso, descrentes de
seu proprio destino, tendo por
bandeira os panos de cores ber-
nantes das fantasias dos cordões
carnavalescos, e por escudo, a
cauca, o pandeiro...O imigrante negro, vindo de
longinquoas plagas, trazendo
como propriedade apenas a roupa
do corpo e alguma bagagem que
nenhum valor representa, mas,
possuindo um espirito tenaz e
empreendedor, que, aliado ao
trabalho persistente e economia
dirigida, construiu um poten-
cial economico que hoje é o
orgulho do Brasil.E do negro, o que podemos
dizer? Apenas que fundou algu-
mas sociedades com titulos su-
geritivos e programas cheios de
palavras bonitas, que... o ven-
to levou... Alguns, bem inten-
cionados; outros, apenas com o
fio de explorar a massa incult-
ta, sobrepondo os interesses
pessoais ao coletivo, erlando
dentro da raça uma politica do
no invés de unificá-la e forta-
lece-la, serve apenas para
alimentar preconceitos, agindo
como instrumento desagregador,
rebaixando a cada vez
mais, no conceito do branco.Pobre raça!... incapaz de,
num movimento de solidariedade,
despertar a consciencia ad-
ormecida por meio século de
criminoso infernal Pobre raça!
... incapaz de se adaptar à

Sociais

CLUBE RECREATIVO
28 DE SETEMBRO — Jundiá.Em comemoração à Lei do Ven-
te Livre, o tradicional clube 28
de Setembro, de Jundiá, patrocin-
ará uma pomposa patrodan-
te, organizado por um grupo
de senhoritas. O baile terá a de-
nominação de Baile das Princesas
e por certo será a nota chic da se-
mana, pois as meninas não pou-
parão esforços para apresentar
essa festa com capricho, sendo as
danças ritmadas por dois conjun-
tos, um desta Capital e outro de
Campinas, e será realizada no
Cine República daquela cidade.CLUBE NEGRO
DE CULTURA SOCIALCampinas, a Princesa d'Oeste,
receberá no proximo, dia 13 do
mês vindouro, a caravana do Clu-
be Negro de Cultura Social.Um pique-nique de arrombo se-
rá levado a efeito no bosque des-
sa cidade. Reina grande atividade
no seio dos C. N. C. S. e essa
festa constará de um programa
bem organizado, com partidas as-
porticas, passeios e um formidável
baile.A partida dar-se-á ás 5 horas,
na estação da Luz e o regresso
ás 19 horas.Os convites para esse convescote
poderão ser retirados na Secretaria
do Clube, à rua Vergueiro,
858, das 10 ás 22 horas, até o
dia 10.

C. R. L. SOM DE CRISTAL

Uma noite em Harlem é a
grande surpresa que o Som de
Cristal apresenta aos seus habi-
tués, hoje, na Ladeira Porto Ge-
ral, 63. O baile terá inicio ás 21
horas e se prolongará até ás 4
da madrugada e será abrilhantado
pelo ótimo jazz do maestro Bem,
que executará somente fox-trots.

FESTA DA PRIMAVERA

Um acontecimento de relevo
será a nota 10 marcado pelo
baile que se realizará hoje, no
salão Royal, à rua Lopes Chaves
organizado por uma comissão
de costureiras negras.A festa da Primavera será o
ponto de aproximação entre as
obreiras da classe.LIVRARIA DO POVO
IRMÃOS MANGIONECompram-se e vendem-se livros novos e usados.
Executa-se encadernação

Novidades nacionais e estrangeiras

Direito, Medicina, Literatura, Engenharia, Didactics, etc.

PRAÇA JOAO MENDES, 35

Reação

JAIME DE AGUIAR

Voltamos hoje, dia consagrado à "Mãe Negra", essa figura de santa e mártir, venerada por nós com o mais extenuado carinho e recordada com ternura e saudade por todos aqueles que tiveram a ventura de ser acalentados pela carícia dos seus seios e revigorados pelo leite dos seus seios exuberantes e sadios.

E o Br' cresce e canta, embealdado por essa figura extraordinária de mártir extenuado, que esquecida de si própria personalidade, qual pelicano, regrava os próprios seios para amamentar os filhos desta Pátria que ela acabava de adotar... e o "sinhôinho" Brasil cheio de vida, tornou-se gigante.

E hoje as nossas preces, as orações repassadas do mais profundo respeito, se elevam dos nossos corações como hesanas gloriosas, evocando esse vulto de esplendorosa abnegação e amor.

E escolhemos este dia para resurgir.

Somos os mesmos companheiros das campanhas passadas, os mesmos idealistas, fortalecidos pelo Estado Novo, que em boa hora paz termo às questões que separavam os brasileiros e que por esse motivo emperravam a resolução de vitais problemas da nacionalidade.

Graças a esse novo político, os negros, mais do que nunca, estão integrados no novo regime, conscientes de que ele é uma parte coesa e forte, e resolutamente dispostos a cooperar para a gloriosa ascensão do Brasil no conceito universal, entrando para esse grandioso acometimento com o patrimônio legado pelos seus avós e que sabem honrar pelo trabalho e com desvelado amor à causa do Brasil.

Mas, se estamos integrados neste novo estado, immanados num mesmo escopo sem rancores fratricidas, muitos problemas devemos resolver, para alcançarmos o crescente progresso de nossa terra.

E cremos que, agora que os motivos que nos separavam desapareceram, unidos numa mesma bandeira, possuídos da mesma fé, devemos de reencontrar a trajetória dos nossos ideais, sem as charamingas do passado, mas enfrentando com resolução o presente, preparando-nos para o futuro, cujos horizontes se descoloriam amplos, ante a perspectiva dos nossos trabalhos.

E cremos, ainda, que, desta vez, seremos mais compreensíveis, não nos impedindo de realizar o nosso desideratum, muito embora o caminho seja aspero e espinhoso.

Muitos e muitos problemas temos que enfrentar resolutamente, sem desfalecimentos, mas para isso o primeiro passo imprescindível é a cooperação de todos, despidos de presunção e vaidade pueris, e essa cooperação está tão somente dependendo da boa vontade daqueles que sem ceticismo alcijam ver resolvidos os problemas que nos são necessários.

E' por isso que aqui estamos, colonas abertas, para receber os nossos lamentos e cantar as nossas vitórias, sem ódios, sem ran-

Encontrei-a, ontem, à tarde, à espera do seu bonde costumero. Então, com a familiaridade de sempre, cumprimentei-a:

— Bôa tarde! Bôa tarde!...

— O que me conta da "nossa gente" nestes últimos tempos, meu caro patriota!...

E' verdade que dentro em breves dias, dor-se-á a completa pacificação de ânimos, entre todos nós, e a nossa raça terá num só hábito todo o seu pessoal, unido, para tudo quanto é de vier, para conseguirmos tudo em prol dos nossos, dos que vivem dispersos por aí, sem "ora nem beira", em completa desunião e desentendimento?!

— Amiguinho, creio, já não é sem tempo; tenho a certeza que se realizará essa acertada idealização.

Não podemos viver assim, como até então. Os nossos grandes homens vivem aí dispersos, sem uma diretriz que os norteie. Os grandes que se dizem intelectuais, então, não se dão a conhecer. Fazem-se de rogados. Ainda ha poucos dias encontré em um dos livros do saudoso Humberto de Campos o destino que está reservado à raça negra; quanto verdade disse esse grande escritor, quando escreveu com toda a sua psicologia a sorte da raça de Patrocínio.

Parece que o autor de "Memórias" e outras obras de valor vierá até a nossa Paulicéia observar de perto o negro em todas as suas descentralizações; somente resignado, contemplando o progresso estanteante de São Paulo arranha-céus, ficando extasiado, somente.

E' mister que todos nós lutemos de mãos dadas, para o bem colectivo dos nossos irmãos que ainda não conhecem os princípios básicos da ascensão nossa; para o bem de todos na comunidade nacional.

— Tem razão o presado patriota; o meu bonde aí vem; vou ao baile, por certo, encontrarei ainda um pouco do que é isso. Mesmo porque, a não ser no baile, onde poderemos passar umas horas mais alegres, à vontade?

Despedimo-nos, ela rumou via Pinheiros.

... cores, com o único fito de nos elevar, moral, intelectual e materialmente, para alcançarmos o crescente progresso de São Paulo e do Brasil, certos de que sabermos vencer os obstáculos que nos entravam o caminho, certos ainda de que a nossa causa será amparada por todos sem distinção, pois bem compreensíveis são as nossas necessidades, em relação à nossa condição, como justíssimas as "nossas aspirações, sob a égide da luz civilizadora.

Fiquei pensativo, pensativo, já era tarde. Transentes de todos os castos, um mixto de homens e mulheres de todas as raças.

Segui pensativo; será que não teremos mais salvação?

Bondos fofalhões passavam com violões, pandeiros, caquinho e chocalhos, todos alegres, iam ao baile. E a raça que não se divertia, fica muitas vezes falando sozinho, na obscuridade, no anonimato das ruas, a monologar, a monologar.

Pasmam os dias, passaram as idades; e, se não nos unirmos, muito em breve a nossa queda será o desmoronamento da grande obra dos paladinos da liberdade que se implantará em 88.

PARA ONDE VAE A AFROLOGIA?

(Continuação de 4.ª página)

entre os próprios negros, fazendo-lhes ver que "negro também é gente".

E isso é a terceira falha que observamos. Não basta ir ao terreiro, assistir às batucadas e às rodas de capangagem e em seguida correr para a biblioteca e escrever um formalizado artigo "sobre os negros", com varias citações em inglês, alemão e latin, citações que, em geral, não tem a ver com o peixe, que no caso é o negro brasileiro.

Os nossos afrologistas, que são tão bem intencionados, deviam a si mesmos impôr uma tarefa mais concreta e útil mais proveitosa, militando no sentido de reerguer o negro, social e moralmente, dando-lhe a conhecer o seu próprio valor e a sua personalidade, descobrindo as forças que ele guarda dentro de si mesmo e, por fim, incorporando-o à Nação Brasileira. Porque, na verdade, se atentarmos bem para os fatos, veremos que o negro não só não observou a civilização branca, como até agora se tem mantido à margem da nossa nacionalidade.

5 — E nem mesmo conseguiu ainda formar a sua própria cultura. Não confundamos candomblé com cultura negra. O candomblé, apesar da sua entrosagem com o catolicismo, é ainda o fetichismo, e o fetichismo é ainda a mentalidade africana incapaz de desenvolver uma cultura propria e impermeável a qualquer especie de cultura. Ha dias, algum perguntava: "cadê o poeta negro do Brasil?"

Não ha, não existe. O negro no Brasil não só não conseguiu embeber-se da cultura branca, como não conseguiu desenvolver uma cultura propria. Os poucos que se tornam intelectuais, com raras exceções, se julgam imedia-

tamente latinos e pensam como branco, ou se quiserem, em "branco".

Não apareceu ainda no Brasil um Paul Robeson, um Langst Hughes, que sabem que são negros, reconhecem as qualidades e defeitos da sua raça — e todos os tem — e não se envergonham nem se sentem inferiores, nem aspiram ser brancos.

6 — Eis-nos chegados ao âmago da questão: a primeira tarefa para o afrologista, afim de que possa emendar o rumo que vem sendo seguido, é reconhecer a existencia de uma "questão negra" no Brasil. Feito isso, será possível sanar as muitas falhas existentes, alguns das quais citamos.

Mas, para isso, não basta escrever artigos, e sim realizar uma tarefa concreta: combater os prejuizos de raça, educar e elevar o negro social e moralmente, arranca-lo do fetichismo e dos candomblés que só fazem emburroar cada vez mais o seu espirito, e ajudá-lo a crear a sua propria cultura.

7 — Mas, dirão alguns afrologistas, explicitamente indignados, por que não vai você mesmo fazer tudo isso?

Ora, responderei, porque não tenho a honra de ser afrologista.

Mas, si conseguir que algum estudioso dessas questões, me preste um pouco de atenção, nem que seja para me combater, já terei, sem dúvida, realizado uma tarefa.

ACABEMOS COM ISTO!

(Continuação de 4.ª página)

Tal fato quasi que todos os dias se regista na Rádio Cultura e no Grill Room Tabú, e essas coisas naturalmente devem ter como dirigentes alguns individuos que possuem em demasia os microbios, ou cousa que o valha, de arrianismo ou super-civilidade e queiram para si transportar prematuramente as idéias e regimes que já infelicitam muitas nações.

Mas, os negros não são diminuídos pela ignorancia de meia dúzia de individuos intoxicados pela alvura da sua pele, pelo esplendor do seu "dinheiro" ou pela propotencia de sua posição, porque o Pantheon da Pátria está cheio de vultos negros, glorificados por todos os brasileiros e perpetuados no bronze para a veneração da posteridade...

E isto consiste o orgulho da presente geração negra no Brasil.

E, si aqui em São Paulo, existe algum que isso ignore e nos atire ao rosto os miasmas dum aproubeio ignóbil, nós, os negros, sabemos sorrir e parodiá-lo no Nazareno: "Meu Pai, perdoo-lhes porque não sabem... o que são."

Mas, si, como negros, sabemos ter piedade da ignorancia, vaidade e presunção desses indi-

UMA AUTO-BIOGRAFIA SENSACIONAL!

MEMORIAS DE UM NEGRO

por BOOKER T. WASHINGTON

O que mais seduz, nesta sensacional auto-biografia, contada com o movimento e o brilho próprios do romance, é a fiel descrição de todos os aspectos do problema da negro americano, meio século antes da sua libertação. Booker Washington não se restringiu a narrar a historia de sua própria vida. Através de reflexões sinceras e eloquentes, abordou todas as questões relativas à condição social da raça. E assim, mais do que uma auto-biografia, a seu livro se transformou na porta-voz das aspirações de todos os homens de cor que, como ele, sentiam sobre os ombros o peso das preconceitos raciais.

Memórias de um Negro é um livro tão cativante como a famosa romance "A Cabana do Pap Tomás", de Harriet Beecher Stowe, mas muito mais real e muito mais emocionante que este. A sua leitura contribuirá poderosamente para o conhecimento da historia social dos Estados Unidos no começo do século XX e deixará indelevelmente gravada em todos os espiritos, o vulto desse grande Negro, que soube, como ninguém, lutar pelos direitos de sua raça e pela grandeza de seu patria. — Tradução de Graciliano Ramos.

Brochura 10\$000
Encad. 15\$000

Edição de —
COMPANHIA EDITORA NACIONAL
São Paulo

O vento levou

(Continuação de 2.ª página)

época dinamica e progressista em que vivemos!

E' tempo de acabarmos com esse estado de cousas! A mocidade estudiosa, precisa corajosamente retomar a liderança de um movimento de largas proporções, no sentido educativo, criando uma mentalidade propria da raça, e difundindo ensinamentos por meio dos quais os negros possam compreender a verdadeira situação em que se encontram, e lutar para impedir que a decadencia da raça atinja a sua plenitude.

E' preciso lutar! Mas para lutar e vencer, necessitamos do espirito de sacrificio e renúncia!

viduos, como brasileiros que somos, iguais perante as leis, protestamos energicamente e exigimos a abolição de tais proibições, porque não é só uma desconsideração a brasileiros na sua própria Pátria, com um flagrante desrespeito às leis do País, um enxovalho às nossas instituições democráticas e um menosprezo às nossas autoridades.

AQUI O NOSSO PROTESTO,

Uma posição para o negro brasileiro

O CLARIM DA ALVORADA

ANO 1 (da 3.ª Fase)

S. PAULO, 28 DE SETEMBRO DE 1940

NUM. 1 (da 3.ª Fase)

Para onde vae a afrologia?

LUIZ BASTOS

Nesta minha vida ainda não, longe, mas já bem agitada de lutas pela vida, pela arte e pela raça negra, bem poucas satisfações eu tive, como esta de agora — ver a volta do CLARIM DA ALVORADA, sem dúvida o mais importante jornal de negro que o Brasil já possuiu. Que na realidade, o retorno de um jornal como este, de tão claras, são luminosas finalidades, me parece ser um motivo de justa satisfação para quem se consagrava, dia-a-dia, limpos a alma e o coração.

Jornal de negro, é mesmo estranho que este CLARIM não tenha resurgido há mais tempo — quando, por exemplo, os pesquisadores modernos da história, da música, do foto-fone, e de antropologia brasileira verificaram a inutilidade dos seus estudos, se dá ao negro fôse aliado.

E' que o CLARIM jamais se utilizou ou mesmo procurou viver em "épocas oportunas" e sim em "momentos necessários", que o seu interesse é de sempre e é um só — o levantamento do negro. Por isso é que, embora no silêncio, o seu trabalho de desconforto para as tendências políticas dos congressos afro-brasileiros, e sorriu maliciosamente dos livros sobre quilombos, — pitorescos livros!

Surge agora, porque em São Paulo os negros precisam, necessitam urgentemente de um jornal. Só um jornal, portavoz e tribuna de boas idéias, de ensinamentos sadios, guiado pelo conhecimento, pode dizer ao homem negro as verdades que ele precisa saber, e o que é mais doloroso, também as que ele precisa ouvir. Por falta de orientação, de guias, de educação, é que o negro vem de há muito perecendo, impossibilitado de se colocar na posição e na altura a que tem direito, não como negro, mas como homem. Muitas vezes eu afirmo que o negro brasileiro necessitava do auxílio do brasileiro branco, em condições sociais e econômicas superior às dele. Hoje, eu disponho aquele auxílio, que deveria ter vindo na ocasião precisa, isto é, há noventa e dois anos atrás. O que, agora, pudesse ser feito em benefício dos descendentes dos escravos seria até prejudicial. Imagine uma série de favores, de benefícios, de auxílios do homem branco para os negros. E imagino a ascensão, o levantamento social e econômico dos negros, graças àqueles auxílios. Seria mais um motivo, forte, pensado, que teríamos para atestar a nossa inferioridade e, o que é mais grave, para que jamais o preconceito de cor tivesse fim.

Os problemas negros têm, e devem de ser resolvidos pelos próprios negros. Será bem mais

difficil, bem mais demorado. Mas não faz mal, porque será mais compensador, e cada negro poderá ler o orgulho da obra que sozinho realizou. Devemos, então, procurar educar as novas gerações por um outro caminho que não o que até agora temos seguido. E' preciso a alfabetização, muito livro e muita escrita. E' preciso respeito e moral — muita moral e muito respeito. E' preciso tornar o negro ambicioso, arancá-lo do conformismo de seu apenas um subalterno, um empregado eterno.

Com educação, com alfabetização, poderá o negro se impor, porque é inteligente, e de empregado passará a patrão, de servente a escriptorário, do jornalista a jornalista. Que o reconhecimento das coisas torna o homem ambicioso, e a ambição faz-o trabalhar desse trabalho que não se contenta com subalterneidades humildantes.

Por outro lado, essa educação lhe dará uma situação social. E embora o preconceito de cor queira ferir-lo, não conseguirá lhe causar dano algum. A alguém que pretenda ofendê-lo, chamando-o de — negro! — ele poderá também responder com o mesmo sentido de ofensa — branco!

E quanto ao fato de termos sido escravos de portugueses, no Brasil, do século XVI ao XIX, não me parece constituir prova muito forte de inferioridade. Que em pleno século XX, quando negros ainda um pouco descivilizados se tornam escravos na Africa, depois de herólicas e espantosas lutas, em plena Europa, lugar bem mais culto e progressista, brancos se entregam cortex e canivetes aos alemães. Enfim, são pontos de vista. Mas que os negros devam, eles mesmos, procurar, pela cultura e pela educação, galgar as melhores posições, me parece uma idéa acertada.

FERNANDO GóES

Decididamente, os estudos afro-brasileiros, estão sendo orientados por um caninharruda, que não nos leva a lugar algum.

De alguns anos para cá, alguns rapazes literatos, ou quasi, se puzeram a realizar conferencias e a publicar trabalhos e estudos sobre assuntos afro-brasileiros, alguns dos quais inequivelmente interessantes. Muito bem. Mas si esses estudos, de futuro, não mudarem de orientação, não sairemos de um tererê sem fim — que nada ensina nem resolve.

Lembrei-nos de que dois Congressos Afro-brasileiros foram realizados, tendo como único resultado a disseminação de condombes por toda a parte. Além disso, fez conhecer ao Brasil uma porção de candidatos a afrologistas, que se constituíram em sindicato, o qual atualmente domina o mercado em evidente aqombamento.

2 — A primeira falha, a nosso ver, é que até agora, com raras exceções, o estudo das questões afro-brasileiras, tem sido puramente descritivo e superficial.

As religiões, ou melhor, as diferentes formas de crenças ou ritos religiosos, a anatomia e fisiologia do negro brasileiro, tem sido estudadas em todos os mínimos, inequivelmente. E alguns afrologistas já entendem mais, de condombes e africano que muitos dos mais celebres pais do santo da Baía e arredores.

Mas, por enquanto não se passou disso. Seria interessante, entretanto, penetrar mais a fundo na questão e investigar: por exemplo por que, quasi com anos de-

pos da etnologia no tratado, conservam ainda os descendentes de vários cores dos antigos escravos, as mesmas crenças e ritos fetichistas, apesar da mistura e da catequização cristã.

Não basta transcrever as palavras aparentemente sem nota dos contos, dos condombes, mas, ao contrário, investigar a sua significação social, que tem, evidentemente, um fundo misto de apreensão racial e econômica.

Sem dúvida, é importante conhecer a variedade dos deuses negros, dos seus poderes mágicos e benéficos, bem como estudar as crises históricas das filhas de santo, e ainda as diferentes formas de sincretismo religioso. Mas é necessário, também, compreendê-los, explicá-los, e isso é impossível fazer, sem colocar o negro dentro da sociedade, do meio social e econômico em que se desenvolve, dentro das influências econômicas e sociais que sobre ele agem.

Com efeito, tem-se estudado o negro, sempre em função do branco; tem-se investigado as influências do negro sobre a lingua e os costumes do branco, mas não a influencia do branco sobre o negro, como si este não fosse um ser vivo, capaz de ter emoções e de reagir às influências do branco e do seu civilização.

3 — E essa é, justamente, a segunda falha importante que notamos nos estudos afro-brasileiros. No fundo dessa superficialidade, que vê no negro uma "coisa" e não um ser vivo, o que ha é acentuado preconceito de raça.

Não é raro nos estudos e trabalhos afro-brasileiros, a esse preconceito — a esta persistência tão viva, na mentalidade branca, nem permitiu a compreensão da influencia deprimente que ela exerce sobre a mentalidade e a alma do negro. Cincoenta e dois anos depois da sua emancipação legal, o negro sente ainda o peso dos trezentos anos de escravidão, de apreensão econômica, racial e moral. Cincoenta e dois anos depois da sua emancipação, o negro não passou ainda do miseravel habitante das favelas, do trabalhador braçal, do soldado raso e do fetichismo.

Por que? Porque ainda existe a preconceito do branco contra o negro, fundamentalmente impregnado em todas as camadas mais ou menos pigmentadas da Brasil. No branco, simplesmente porque é branco e porque desde as primeiras letras começa a aprender que o negro "não é gente", mas uma raça inferior. No mulato, para agradecer ao branco e para fingir que não é negro. E finalmente no negro, porque desde que nasce lhe metem na cabeça que ele nasceu para servir ao branco e que é inferior a ele.

Um turista não pode tirar fotografias de negros, porque "seria deprimente para o Brasil que fossemos considerados uma nação de negros". Somos, sem dúvida, uma nação de latinos arianos.

Quem espulha e alimenta esse preconceito? Para descobri-lo, basta atender nas suas principais consequências: 1.º — a criação de um exercito de homens afastados dos trabalhos mais leves, obrigados a procurar trabalhos mais pesados e perigosos e mais mal pagos; 2.º — divisão nas camadas sociais.

Não é raro verificar que o trabalhador negro, executando o mesmo trabalho que um branco, ganha menos. Enquanto este pode ir a qualquer parte, buscar o que quiser ou qualquer coisa parecida, o negro nunca pode ser estimulado por essa esperança, por mais inteligente que seja.

4 — Está claro que esse preconceito não pode desaparecer de um dia para o outro, com um simples decreto, do mesmo forma com que se faz um ministro ou se desmancha um núcleo integrado. Mas isso seria possível por meio de um sério trabalho entre os brancos e por outras partes.

Acabemos com isto!

MANOEL ANTONIO DOS SANTOS

Em pleno século do mais avançado grau da civilização humana, na época dos mais extraordinários feitos científicos, no tempo em que a humanidade está lesbulmbrada por tantas maravilhas que atestam a pujante força do espirito, metamorfoseando-se para uma mais estreita compreensão à face dos problemas que entram a marcha do entrelaçamento e a aproximação dos povos da terra, nós, deste lado do continente americano, estarecidos e aprensivos, aguardamos o desenrolar dos cruciantes acontecimentos que se desenvolvem em terras da velha Europa.

Aprensivos, dizemos, porque é uma raça que agredida a uma fictícia superioridade quer subjugar e aniquilar outras raças que não têm na cor da epiderme ou nos globulos vermelhos os característicos — chamamos dessa decantada superioridade.

Graças a Deus, essa atro e calamitosa perseguição está se procedendo num cenário longínquo e cremos que difficilmente ou nunca chegará até nós, isto porque as nossas leis são magnânimas, o nosso povo sumamente acolhedor e tolerante, e estamos irmanados num mesmo sentimento de ordem, trabalho e progresso.

Mas, si em linhas gerais, nós, os negros, vivemos num seio de Abraão, nesta terra d'ausência e há, terra que os nossos avós ajudaram a construir com trabalho, lágrimas e sacrificios, em algumas casas de diversão pública vemos constantemente os nossos passos embaraçados pela voz do porteleiro, que nos atira à face simplesmente isto: OS NEGROS NESTA CASA NÃO PODEM ENTRAR, e, note-se bem, munidos dos respectivos convites, decentemente trajados ou com dinheiro suficiente para pagar as consumações.

(Continúa na 2.ª página)

(Continúa na 2.ª página)